



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

POR QUE O TERMO “GORDO” SE TORNOU POLITICAMENTE INCORRETO NO BRASIL?¹²³

MS. CEZAR BARBOSA SANTOLIN

Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas e
Professor Colaborador do Departamento de Educação Física
na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Paraná - Brasil)
e-mail: cezarsantolin@hotmail.com

DR. LUIZ CARLOS RIGO

Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e
Professor Adjunto da Escola Superior de Educação Física da
Universidade Federal de Pelotas (Rio Grande do Sul - Brasil)
e-mail: lcrigo@terra.com.br

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo investigar os motivos históricos que podem ter levado à predileção pelo adjetivo obeso em detrimento do termo gordo na sociedade brasileira. A metodologia utilizada foi histórico-etimológica. De acordo com os documentos encontrados, deduziu-se que houve uma ramificação semântica da palavra gordo em dois significados distintos, um associado à gordura e outro ofensivo, sem relação com essa substância. Concluiu-se, por fim, que a predileção proveio da influência que países franco-anglófonos tiveram na inversão de valores associados à corpulência e da patologização da gordura corporal no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: obesidade; história; terminologia como assunto; linguística.

Why the word “gordo” became politically incorrect in Brazil?

ABSTRACT: This article aims to investigate the historical background that led to the preference for obese adjective instead of the term gordo in Brazilian society. The methodology was based on

- 1 Não houve conflitos de interesse para realização do presente estudo.
- 2 O presente trabalho contou com apoio financeiro da CAPES através de bolsa de auxílio sócio-econômico de pós-graduação concedida a um dos autores.
- 3 Este artigo foi elaborado a partir da dissertação de mestrado.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

historical and etymological approach. According to the documents found, it follows that there was a semantic branching of the word gordo in two different meanings. One related to the fat and the other offensive, unrelated to that substance. We conclude, finally, that the preference came from the influence of French-Anglophone countries had in the inversion of the values related to the corpulence and in body fat's pathologization in Brazil.

KEYWORDS: *obesity; history; terminology as topic; linguistics.*

¿Por qué la palabra “gordo” se convirtió en políticamente incorrecto en Brasil?

RESUMEN: *Este estudio tuvo como objetivo investigar los antecedentes históricos que llevaron a la preferencia por el adjetivo obeso en lugar de la palabra gordo en la sociedad brasileña. La metodología utilizada fue histórica e etimológica. Según los documentos encontrados, se concluyó que se produjo una ramificación de la semántica de la palabra gordo en dos significados distintos, una asociada con la grasa y otra ofensiva, sin relación con la sustancia. Llegamos a la conclusión, por último, que la preferencia viene de la influencia que países franco-anglofonos jugó en la inversión de los valores asociados con la corpulencia y de la patologización de la grasa corporal en Brasil.*

PALABRAS CLAVE: *obesidad, historia, terminología como assunto, lingüística.*

INTRODUÇÃO

Ao longo da história ocidental, várias palavras já foram e são utilizadas para adjetivar pessoas consideradas portadoras de uma condição acima de um determinado limiar de volume, medidas antropométricas, massa ou quantidade de gordura corporais, como, por exemplo: obeso, gordo, corpulento, polipiônico, polisárquico, pimeloso, nédio e adiposo. Somente após uma abstração, esses adjetivos podem se tornar um substantivo e denotar condições, como obesidade e corpulência.

Muitos, dentre esses termos, foram pouquíssimo utilizados, como nediez e pimelose. Outros, como corpulência, polipionia e polisarquia, foram empregados no passado, mas abandonadas posteriormente. Há, ainda, aquele cujo uso é tolerado somente em determinados contextos, como a palavra gordo.

Apesar de vários signos distintos, há uma característica conceitual comum a todos: a referência a algo excessivo, seja o tamanho do corpo, a cintura, o Índice de Massa Corporal (IMC), o *embonpoint* (em bom ponto), a quantidade de gordura ou o peso corporal. Trata-se de uma definição-julgamento que introduz, sub-repticiamente, um ideal. O sujeito, que teve seu corpo adjetivado, não compartilharia dessa característica ideal.

O advérbio excessivo induz, também, a uma determinação quantitativa. Se algo é excessivo, perguntar-se-ia, conseqüentemente, quanto. Tem-se, enfim, no próprio núcleo conceitual, a indução

de um ideal, cuja proposição será normativa em termos quantitativos, que, por sua vez, demandará, logicamente, uma medida de avaliação – seja visual, antropométrica, a massa, etc.

Buscou-se, através dessa pesquisa, ressaltar as mudanças de significado que ocorreram em torno de alguns desses signos, localizando períodos de reconceitualização de modo a evitar uma projeção conceitual retrospectiva na abordagem de enunciados históricos. Concentrou-se, por conta disso, sobre os termos mais comuns na temática: gordo e obeso.

Esse resgate etimológico não teve como objetivo a busca por uma verdade histórica unívoca, mas demonstrar o caráter polissêmico dos conceitos, arbitrário, com múltiplas ramificações semânticas, sempre envoltos numa disputa em torno do valor e do significado atribuído à estes. Assim, o intuito foi “descrever essa camada originária num estilo que escapa a todo positivismo, de maneira que se possa, a partir daí, inquietar a positividade de toda ciência” (FOUCAULT, 2010, p.460). Explicitar a utilização de estratégias perspicazes na luta pelo discurso, como a inversão de valores ou a ressignificação, em que um mesmo vocábulo pode ser retomado contra um adversário. Instigar uma ressonância conceitual na expectativa de fazer emergir o aspecto arbitrário e normativo das tentativas de esclerosar semânticas e, principalmente, valores. E, com isso, talvez, desestabilizar todo o edifício conceitual de proposições lógicas daqueles discursos que almejam o estatuto de verdade e que utilizam esses conceitos como função, como os discursos científicos. (DELEUZE E GUATTARI, 2007; NIETZSCHE, 1983; CANGUILHEM, 1995; FOUCAULT, 1996, 1996a).

GORDO

Contemporaneamente, no Brasil, adjetivar alguém de gordo é considerado politicamente incorreto e evitado pela maior parte da população, especialmente entre os profissionais da área da saúde⁴. Ao invés de uma desestigmatização, sugere-se, simplesmente, a substituição pelo adjetivo obeso.

Entretanto, constata-se, curiosamente, que, na língua portuguesa, este termo deriva de gordura ou este daquele, sem que haja restrição alguma no emprego desta palavra. Em nosso idioma, inclusive, o substantivo gordura é o único de uso corrente para se referir à tal substância: adiposo é um adjetivo que, geralmente, acompanha a palavra tecido, enquanto lipídeos é mais utilizado tecnicamente.

Por não terem sido encontradas justificativas na literatura brasileira para a supressão do termo gordo, buscou-se, através de uma pesquisa histórica e etimológica, contribuir não somente para o esclarecimento dos motivos históricos que originaram e sustentam tais discursos, como, também, para a análise dos mesmos.

Na busca pela língua de origem, alguns autores citam o latim, derivando-o de *gurdus* ou *gurdos* (VALPY, 1828; HUBERT, 2000, 2002). Para sustentar tal afirmação, os pesquisadores

4 O único texto acadêmico encontrado até agora que utiliza o termo gordo foi Repetto (1998), apesar de pertencer à área médica.

referenciam a passagem de uma obra atribuída à Quintiliano⁵, cuja, tradução livre do inglês, seria “*Gurdos*, que as pessoas comuns usam para estúpido, cuja origem ouvi dizer que é da Península Ibérica” (MURPHY, 1987).

Há, entretanto, na própria sentença, uma negação que a origem da palavra *gurdos* seja latina, já que o autor explicita que seria ibérica. Apesar de haver um certo grau de incerteza e imprecisão na informação referente ao local exato de origem – afinal, Quintiliano apenas ouviu dizer – certamente tal palavra não seria latina. Sendo assim, afirmar que gordo derivou do latim *gurdos*, tendo como referência tal passagem, seria uma incoerência.

Tendo isso em vista, Hubert (2000; 2002) sugere que a palavra provenha do gaulês⁶ *gwrdd*. Além da questão geográfica, a principal razão para esta alegação, aparentemente, é a proximidade fonética entre as palavras *grwdd* e *gurdos*. Nos dois dicionários encontrados o verbete *gwrdd* seria um adjetivo para forte, intenso, inflexível, duro, rígido, viril, robusto, vigoroso, intrépido, corajoso, ousado, valente, potente, poderoso, guerreiro, sadio, saudável, másculo, masculino, veemente, impetuoso ou espartano (EVANS, 1852; BULLET, 1754)⁷.

Poderia, então, o trecho escrito por Quintiliano ser o mais antigo registro de uma mudança conceitual e valorativa em torno deste signo? Aparentemente, sim. Foucault (1996; 2005) sublinha a possibilidade de utilização de um vocábulo contra seus utilizadores como uma estratégia política e confirma que os romanos teriam, de fato, rebaixado política e economicamente a nobreza gaulesa, lisonjeando a ralé.

5 *Marcus Fabius Quintilianus* (30-95 d.C.) exerceu a profissão de escritor e orador em Roma. A frase de Quintiliano citada e de interesse para este estudo consta no 5º capítulo do livro I da obra denominada *Institutio Oratória*: “*Gurdos, quos pro stolidis accipit vulgus, ex Hispania duxisse originem audivi*” (QUINTILIANUS, 1515, s.p.; LATIN LIBRARY, 2011, s.p.). Quando Quintiliano referenciou *Hispania*, os romanos denominavam a região geográfica da Península Ibérica dessa forma e lá viviam vários povos diferentes (SÁNCHEZ, 2009). Quanto ao significado de *gurdos*, Quintiliano usa o termo *stolidis*, cujos dicionários acessíveis mais antigos, do século XVI, não deixam dúvida que o sentido de estúpido ou tolo havia se fixado (STEPHANI e FRISII, 1587; TOSCANELLA, 1564).

6 Os gauleses eram uma das tribos que habitavam a região a oeste do Império Romano, ocupando a atual França e, também, parte da Península Ibérica (*Hispania*). O povo céltico, como também era chamado, guerreou contra os romanos, mas foi derrotado, tendo que se resignar à absorção pelo Império.

7 Caso a origem gaulesa do termo estivesse correta, o que é impossível de determinar com precisão, a derivação latina atual que mais se aproximaria deste seria *gourde*, do francês, ou *gourd*, do inglês, que significa “cabaça” atualmente (HUBERT, 2000, 2002). Num dicionário franco-gaulês antigo, *gourd* ou *gourdd* ainda remetiam a *gwrdd*, tendo como significado “rígido, duro”; enquanto *gourdi* e *engourdi* remetiam a entorpecido, derivado de Quintiliano (BULLET, 1754). Tal fato permite supor que uma dessas palavras teria derivado da outra, ou a rigidez da “cabaça” (*gourd(e)*) foi comparada com um homem “forte, guerreiro, duro” (*gwrdd*) ou este poderia ter sido, posteriormente, considerado duro e forte como aquela. Algumas fontes, discordam de Hubert (2000; 2002) a este respeito, relacionando *gourd(e)* a *cucurbita* (“cabaça”) ou *cucumis* (“pepino”), que provém do latim ao invés do gaulês. (ETYMONLINE, 2011; DICTIONARY.COM, 2011) Neste caso, volta-se ao problema da citação de Quintiliano a respeito da origem de *gurdos*, que não teria sido romana.

A partir desta disputa pelo conceito que parece ter ocorrido entre romanos e *hispanicos* em torno do *gurdos*, houve uma bifurcação – tanto semântica quanto na valoração atribuída ao adjetivo. As demais citações encontradas em latim⁸ parecem ter derivado do sentido quintilianesco, enquanto nos países *hispanicos* a mesma palavra manterá outro teor semântico e valorativo⁹. Ressalta-se, entretanto, que as palavras latinas referentes à substância gordura¹⁰ continuaram a ser utilizadas sem qualquer relação com *gurdos*¹¹. Enquanto isso, nos antigos países *hispanicos* ou aqueles de

8 As duas citações encontradas são a de Aulo Gélío e Sulpício Severo. Aulo Gélío teria nascido em torno do ano 123 e vivido até o ano 165 d.C. Gélío teria exercido a função de escritor e gramático em Roma. Em sua obra mais famosa – *Noctes Atticae* – ele registrou no 7º capítulo do livro XVI o seguinte diálogo: “*Hic est, inquit, ille gurdus, quem ego me abhinc duos menses ex África venientem excepisse tibi narraui*” (GELLIUS, 1824, p. 849). A melhor tradução do trecho é a de Panayotakis (2010), que transcrita livremente do inglês para o português ficaria “*Que desmemoriado, quem, como eu te disse, eu conheci há dois meses atrás, quando eu estava voltando da África*”. Panayotakis (2010) usa o termo *blockhead*, do inglês “estúpido, tolo”, em relação à *gurdos*, porém, em sua análise do contexto do trecho, faz questão de enfatizar que o sentido desejado pelo autor na passagem é em relação a memória fraca da personagem. Aqui optei por traduzir como desmemoriado ao invés de esquecido, já que poderia dar um entendimento equivocado de que a personagem é que foi esquecida – ressalva feita, igualmente, por Panayotakis (2010). Já Sulpício Severo teria nascido e falecido por volta de 360 e 420 d.C., respectivamente. A passagem, em latim, se insere no capítulo XXVII, do diálogo I, do livro *Diálogo*: “*Audietis me tamen ut Gurdonicum hominem, nihil cum foco aut cothurno loquentem.*” (SEVERUS, 2011). Em tradução livre do inglês para o português, teríamos algo como “*Você me ouvirá como uma espécie de homem insensato (estúpido), que não diz nada de uma forma rebuscada ou pomposa*”. Como viveu posteriormente à Quintiliano, Severo teria se utilizado de uma derivação de *gurdus*, aparentemente, com o sentido proposto por este, ou seja, estúpido, tolo ou insensato – se é que este era a semântica real da palavra *stolidis*.

9 Montserrat (1389) e Nieremberg (1443) utilizam o termo como sinônimo de pesado. Há, ainda, um registro que sugere que houvera uma região denominada Gordo, talvez, com o sentido de grande. Ressalta-se, mais uma vez, que dificilmente um povo denominaria sua região de moradia desta forma se o sentido fosse “estúpido” ou algo desvalorativo, fazendo desta conjectura – geográfica – igualmente válida. Num interrogatório da inquisição, Bernard de Caux (1255) levou à audiência um homem chamado Gerard de Gordo, acusado de heresia. Era comum grafar o primeiro nome e de onde o sujeito provinha, sugerindo que, talvez, houvesse uma região com tal nome. Há ainda hoje duas localidades, na Espanha e em Portugal, com os nomes *El Gordo* e *Pico Gordo*, porém o documento indica que Gerard seria albigense, de uma região que atualmente corresponde à França. Portanto, se houvera mesmo uma localidade com o nome Gordo, ocorreu uma mudança posteriormente.

10 *Pinguis, pinguid* ou *pingue e adeps, adips, adipi ou adipis* (SANTANELLA, 1789; TOSCANELLA, 1564).

11 Também a palavra magro, que, atualmente, seria um antônimo de gordo, nem sempre se referiu à gordura. Todas as fontes encontradas derivavam o adjetivo magro do latim *macer* ou *macrus*, trazendo como significado magro (TOSCANELLA, 1564; VALPY, 1828; FERREIRA, 1984; WIKTIONARY, 2011). Os dicionários mais antigos trazem como sinônimo de magro a palavra *tenuis*, do latim, fino, que originou, por exemplo, a palavra tênue, no português, com o mesmo sentido. Tais fontes, referenciam, ainda, *μακρός*, do grego, cujo significado, em latim, seria *longus* (CURIO, 1519), que, em português, é longo. Tem-se, também,



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

colonização ibérica que possuíam o espanhol ou o português como idioma, a palavra gordo já se referia à corpulência, gordura ou ao peso, ao menos, desde o século XIV.

A preferência do adjetivo obeso na área da saúde parece não ter uma relação direta com todo esse contexto histórico – pelo menos no Brasil. Também não foi encontrada nenhuma referência à obra de Quintiliano (1515; LATIN LIBRARY, 2011).

O aspecto determinante para a preferência pelo adjetivo obeso, no Brasil, parece ter sido o fato de que a inversão de valores em relação à gordura e a processo de patologização emergiu em países franco-anglófonos, onde o termo derivado de *gurdos*, simplesmente, não está relacionado à gordura corporal, mas derivou de Quintiliano (1515; LATIN LIBRARY, 2011). Ainda nos séculos XVIII-XIX, ingleses e franceses “exportarão” para o Brasil não somente a desvalia em relação à gordura corporal – que era valorizado por aqui, mas a noção de que o excesso desta substância é uma doença e que o adjetivo a ser empregado para se referir ao doente deve ser obeso – derivado de obesidade (STENZEL, 2002).

Constata-se, portanto, através desse fato, o caráter, culturalmente, condicionado da temática no Brasil, tendo em vista que não há nada de ofensivo na palavra gordo através de sua trajetória etimológica pelas línguas ibéricas. Entre falantes do português e do espanhol, referir-se a alguém dessa forma deveria ser tão politicamente incorreto quanto obeso não pela derivação semântica ofensiva, mas por estigmatizar um indivíduo.

OBESO

O termo obesidade chama atenção, a princípio, por destoar das demais construções lexicais patológicas. Emprega-se, nestes casos, geralmente, o sufixo “ose”, como em cirrose ou toxicoplasmose. Há, inclusive, dois termos – adipose e pimelose – que possuem o significado de obesidade, mas que, mesmo assim, não apresentam o prefixo “hiper”, que é, comumente, utilizado para denotar tais condições, como em hipersarcose ou hiperosteose. Grisolle (1847), Sauvages (1772) e Frank (1842) empregaram, por exemplo, os termos polisarquia e/ou polipionia. Mas a utilização desses termos é mínima, sendo, até mesmo, desconhecidos. Haveria, sem dúvida, construções possíveis que seriam mais adequadas, como hiperlipose, hiperadipose ou hiperpimelose, para se referir à descrição: condição patológica de acúmulo excessivo de gordural corporal.

Diante essa primeira constatação, buscou-se rastrear, historicamente, as palavras relacionadas à obesidade para compreender os motivos, na sua construção etimológica e conceitual, que teriam levado este termo a ter se tornado privilegiado sobre os demais, assim como se

no inglês, *thin* – termo que, atualmente, significa magro – que teria derivado de palavras do proto-indo-europeu com o sentido de esticado ou alongado e não de gordura (WIKTIONARY, 2011; ETYMONLINE, 2011; DICTIONARY.COM, 2011). Aparentemente, assim como no caso de outros verbetes, magro, no princípio, também não transpunha a superfície corporal, remetendo unicamente ao formato corporal e não a seu conteúdo.

diferenciar das demais construções linguísticas relacionadas à patologias.

Segundo Etymonline (2011), a palavra obesidade viria de *obésité*, do francês, tendo, como mais antigo registro, documentos do meado do século XVI. Os dicionários franceses da época traziam como significado para o verbete a expressão “*embonpoint excessif*”, ou seja, *embonpoint* excessivo (CHOMEL, 1741, s/p.). O substantivo *embonpoint* exemplifica algumas mudanças de valores que ocorreram em relação à corpulência na época.

Os mais antigos registros acessíveis encontrados desse termo datam do século XVII¹². A palavra foi construída a partir de uma justaposição, que, em português, seria o equivalente a “em bom ponto”. Apesar de não haver parâmetros quantitativos, percebe-se, pelos significados atribuídos ao adjetivo, que, à medida que se aproxima do século XVIII, ocorre não somente uma inversão valorativa, mas, também, a especificação da gordura corporal. O critério avaliativo para a adjetivação era visual, ou seja, tratava-se de um atributo estético que será, progressivamente, associado à saúde e especificado quanto à composição corporal, desprivilegiando a gordura.

Ainda Etymonline (2011) cita, como possível derivação, *obesus* ou *obēsītās*, do latim, que possui ocorrências, inclusive mais antigas do que *obésité*, como em Laurenziani (1494). Quanto à essa origem latina de *obesus*, *ob* seria tanto um prefixo que denotaria “*intensamente, em direção à, de encontro a*” e *esus* seria uma das declinações do verbo *edere*, que significaria comer. Consequentemente, *obesus* se referia aquele que come intensamente ou que se dirige à comida – interpretação a qual muitos autores concordam (FERREIRA, 1984; ETYMONLINE, 2011; DICTIONARY.COM, 2011; CHOMEL, 1741).

Ressalta-se que comer excessivamente não é o mesmo que ter o Índice de Massa Corporal (IMC), a quantidade de gordura, o peso ou o tamanho corporal considerados excessivos. Enquanto estes conceitos se concentram sobre alguma característica corporal, aquele se concentra sobre uma ação. Pode-se inventariar, cotidianamente, casos em que o sujeito come excessivamente sem que acarrete ou estejam presentes aquelas características corporais. *Ob edere* ou *obesus*, sem dúvida, não é o mesmo que ser obeso, gordo ou ter corpulência excessiva.

O ato de comer excessivamente foi condenado ética, moral e religiosamente sob diferentes signos, em diferentes épocas, sendo denominado gula, no medieval, ou integrando os vícios da intemperança, na Antiguidade. O termo *obesus*, portanto, nasce com esse caráter de condenação ética-moral e religiosa. Essa condenação a um determinado comportamento, aparentemente, foi se materializando ao longo da história, tornando o corpo, em sua composição ou aparência, uma

12 No léxico *Le grand dictionnaire François Latin* (NICOD, 1618, s/p.) o verbete traz como significado, em latim, “*corporis habitus firmus*”, que poderia ser traduzido como “condição corporal firme” (VALPY, 1828). Já Richelet (1680, p.275) diz que é “*L’état où se trouve une personne qui est en bonne santé, & qui est grosse & grasse*”, que, em tradução livre para o português, seria algo como “a condição em que uma pessoa é saudável, que é grande e grosso”. Furetiere (1690, s/p.) confirma que a semântica era especificamente “*Pleine santé qui est accompagnée d’un peu trop de graisse*”, “saúde plena que é acompanhada de um pouco de gordura”. Coignard (1694, p.267) traz “*Bon estat ou bonne habitude de corps. Ne se dit gueres que des personnes un peu pleines & grasses*”, “Bom estado ou boa condição do corpo. Não se diz raramente em relação a pessoas plenas e grossas”.

inferência para aquele comportamento.

Assim, o termo *obesus* nem sempre se refere a um ato. Ele pode se referir à plethora – excesso de humores ou sangue. Há, ainda, enunciados que trazem o mesmo signo num outro sentido – estético, de proporção, simetria e harmonia entre as medidas corporais. Tal faceta estética, em que uma aparência corporal passa a representar um ato sob um mesmo signo, já aparece em enunciados dos séculos I e II de nossa era. Próximo desse emprego estético do termo *obesus* – sem qualquer relação com IMC, gordura, peso corporal ou saúde – aparece o conceito de corpulência¹³, que se referia ao tamanho do corpo de alguém, independentemente se era grande ou pequeno.

Tanto o conceito de corpulência quanto *obesus* passam por mudanças ao longo da história. Torna-se impossível determinar derivações semânticas bem delineadas, como no caso de *gurdos*. Só é possível identificar se o signo empregado se referia a um ato ou à estética se for interpretado dentro da estrutura enunciativa de um determinado discurso.

Outras derivações conceituais para esses mesmos signos se desenvolvem, principalmente, a partir do século XVII. Além do ato de “comer excessivamente” e da questão estética, os termos *obesus* e corpulência passam a ser empregados, progressivamente, como sinônimos de grande massa corporal, a partir do trabalho de Santorio (1614), e de gordo. A especificação da gordura no núcleo conceitual “gordura corporal excessiva” já é encontrada, pelo menos, ao final do século XVIII (DIDEROT, 1777).

Já em meados do XIX, ter-se-á, sob os mesmos signos, em inglês, uma nova possibilidade conceitual. Além do ato, da estética, de grande massa corporal e do excesso de gordura, as ocorrências de *obesity* e *corpulence* podem se referir a alguém que possui o valor de massa corporal acima de uma média calculada e proposta como ideal para sua estatura, ou seja, surgem as tabelas de peso por altura (WADD, 1816, 1829; CHAMBERS, 1850; BRILLAT-SAVARIN, 1854, 1865; BANTING, 1864).

A partir do século XX, a palavra corpulência se torna rara e os signos relacionados à *obesity* passarão a se associar às tabelas de IMC, apesar de sua definição permanecer como excesso de gordura corporal. Ao longo do século XX, sobretudo a partir da década de 50, a disputa em torno do conceito se dará em torno do ponto de fixação dos valores de IMC que estabelecerão o que será considerado, quantitativamente, ser obeso. A publicação da Organização Mundial da Saúde (OMS) (2004), ao final deste século, estabeleceu os critérios atualmente praticados de classificação dos sujeitos a partir do IMC (OLIVER, 2006).

Assim sendo, tem-se, esquematicamente, uma série de possibilidades encontradas de empregos dos termos derivados de *obesus* e que poderão ser encontrados em enunciados: 1) *obedere*: comer excessivamente, sem relações com IMC, gordura, tamanho ou massa corporal; 2)

13 Os registros mais antigos datam do século XIV, do francês antigo *corpulence*, que se referia ao tamanho do corpo, independentemente se este é grande ou pequeno. Sua derivação seria do latim *corpulentia*, remetendo à “grossura do corpo” e seu adjetivo seria *corpulentus*. Somente no século XIX, *corpulence* passou a significar gordura corporal excessiva e permanece com este sentido no português, no inglês e no francês. (ETYMONLINE, 2011; DICTIONARY.COM, 2011; FERREIRA, 1984).

pletórico: excesso de humores ou de sangue; 3) corpulência excessiva: tamanho do corpo grande, sem especificar a gordura ou a massa corporal, comer excessivamente ou IMC; 4) pesado ou com massa corporal considerada excessiva, sem relações com a estatura, o IMC, comer excessivamente, tamanho ou gordura corporal; 5) pesado ou com massa corporal considerada excessiva em relação à estatura, sem relações com o IMC, comer excessivamente, tamanho ou gordura corporal; 6) pesado ou com massa corporal considerada excessiva em relação à estatura quando comparado à uma tabela de valores médios populacionais, sem relação com o IMC, comer excessivamente, tamanho ou gordura corporal; 7) IMC considerado excessivo relacionado a uma tabela de valores médios populacionais; 8) IMC considerado excessivo relacionado a uma tabela de valores médios populacionais como a OMS (2004) definiu.

Essa enorme polissemia em torno dos mesmos signos exige cautela na análise de enunciados históricos. A apropriação de um mesmo signo e, posterior, definição técnica, sem considerar os diferentes sentidos históricos que o conceito, ocasionou certas apropriações conceituais questionáveis de fontes históricas por parte de alguns historiadores, como Bray (2009), Haslam (2007) e Repetto (1998)

CONCLUSÕES

A partir do exposto, concluiu-se que a interdição informal à palavra gordo, no Brasil, provém da ramificação semântica franco-anglófona que tem um significado ofensivo para esse termo. Quanto à etimologia e história da palavra obeso, concluiu-se que, devido à polissemia histórica em torno deste signo, faz-se necessário cautela ao abordar enunciados históricos para evitar projeções conceituais retrospectivas. Tais saberes são relevantes para abordagens historiográficas e qualitativas da temática em questão.

REFERÊNCIAS

BANTING, W. *Letter on corpulence, addressed to the public*. 3ª ed. Londres: Harrison, 1864.

BERNARD (DE CAUX). *Interrogatoires subis par des hérétiques albigeois par-devant frère Bernard de Caux, inquisiteur, de 1245 à 1253*. Vol.2, 1255, 508 pgs. Parcialmente disponível em: http://books.google.com.br/books?ei=miBQTrDeJtSgtwemuaWyBw&ct=result&id=pKQ_AAAAYAAJ&dq=bernard+de+caux+gordo&q=gordo#search_anchor. Acesso em 20/08/2011.

BRAY, G. A. History of obesity. In: WILLIAMS, G.; FRÜHBECK, G. *Obesity: science to practice*. Chicester: Wiley-Blackwell, 2009.

BRILLAT-SAVARIN, J. A. *The physiology of taste; or, transcendental gastronomy*. Philadelphia: Lindsay & Blakiston, 1854.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

_____. *The handbook of dining*; or, corpulency and leanness scientifically considered. New York: D. Appleton, 1865.

BULLET, M. *Mémoires sur la langue celtique*. Besançon: Imprensa real, 1754.

CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

CHAMBERS, T. K. *Corpulence*; or, excess of fat in the human body: its relation to chemistry and physiology, its bearings on other diseases and the value of human life, and its indication of treatment. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1850.

CHOMEL, M. N. *Dictionnaire économique*. Paris: Henry Thomas, 1741.

COIGNARD, J. B. *Le dictionnaire de L'académie française*. Paris: Jean Baptiste Coignard, 1694.

CURIO, V. *Dictionarium graecum, ultra ferrariensem*. Basiléia: s/ed., 1519.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed.34, 2007.

DICTIONARY.COM. Disponível em <http://www.dictionary.com>. Acesso em 02/01/2011.

DIDEROT, M. (org.). *Encycopédie*; ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres. Vol.9. Genene: Pellet, 1777, p.537.

ETYMONLINE. Disponível em <http://www.etymonline.com>. Acesso em 02/01/2011.

EVANS, D. S. *An english and welsh dictionary, adapted to the present state of science and literature*. Londres: Simpkin & Marshall, 1852.

FERREIRA, A. B. De H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____. *A ordem do discurso*. 10ª ed. São Paulo: Loyola, 1996a.

_____. *Em defesa da sociedade*: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

_____. *As palavras e as coisas*. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANK, J. De la polipionia. In: _____. *Patologia interna*. Vol.5, Cap.1, Madrid: Fuentenebro, 1842, p.214-226.

FURETIERE, A. *Dictionnaire universel*. Haye: Arnout & Reinier Leers, 1690.

GELLIUS, A. *Noctes atticae*. 2º vol. Londres: A. J. Valpy, 1824.

GRISOLLE, A. *Tratado elemental y practico de patologia interna*. Vol.3. Madrid: Sociedade tipográfica-literaria universal, 1847, p.207-209.

HASLAM, D. Obesity: a medical history. In: *Obesity reviews*. Vol. 8. Supl. 1, 2007, p.31-36.

HUBERT, H. *Los celtas y la civilización céltica*. Madrid: Akal, 2000.

_____. *The rise of the celts*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner, 2002.

LATIN LIBRARY. Disponível em <http://thelatinlibrary.com/>. Acesso em 02/01/2011.

LAURENZIANI, L. *Aphorismi, sive sententiae, cum commentationibus Galeni*. S/local: s/ed., 1494.

MONTSERRAT, M. de. *Los habitantes*. S/local: Alfa, 1389.

MURPHY, J. J. *Quintilian on the teaching of speaking and writing*. Ilinóis: Southern Illinois University, 1987.

NICOD, M. *Le grand dictionnaire françois latin*. Paris: Pierre Bertault, 1618.

NIEREMBERG, J. E. *Curiosa y oculta filosofia*. Madrid: Imprensa Real, 1443.

NIETZSCHE, F. W. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra moral. In: *Os pensadores obras incompletas*. São Paulo: Victor Civita, 1983, p.43-52.

OLIVER, J. E. *Fat politics: the real history behind America's obesity epidemic*. Nova York: Oxford University, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Obesidade: prevenindo e controlando a epidemia global*. São Paulo: Roca, 2004.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

PANAYOTAKIS, C. *Decimus laberius: the fragments*. Nova York: Cambridge University, 2010.

QUINTILIANUS, M. F. *De Institutione oratoria*. S/local: s/ ed., 1515.

REPETTO, G. Histórico da obesidade. In: HALPERN, A. *et al. Obesidade*. São Paulo: Lemos, 1998.

RICHELET, P. *Dictionnaire François*. Geneva: Jean Herman Widerhold, 1680.

SÁNCHEZ, J. P. *Breve historia de Hispania*. Madrid, Nowtilus, 2009.

SANTAELLA, R. F. *Vocabularium; seu lexicon ecclesiasticum, latino-hispanicum, ex sacris bibliis, conciliis, pontificum, ac theologorum decretis, divorum vitii: dictionariis, aliisque probatissimis scriptoribus, concinnatum*. S/local: Antonium Espinosa, 1789.

SANTORIO, S. *Ars de statica medicina*. Sem local: Davidem Lopes de Haro, 1614.

SAUVAGES, F. B. Polysarcia; la corpulence. In: _____. *Nosologie méthodique; ou distribution des maladies em classes, em genres et em especes, suivant l'Esprit de Sydenham, & la méthode des Botanistes*. Vol.9. Lyon: Jean-Marie Bruyset, 1772, p.106-109.

SEVERUS, S. *Dialogues*. Disponível em <http://www.ccel.org/>. Acesso em 02/01/2011.

STENZEL, L. M. *Obesidade: o peso da exclusão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

STEPHANI, R.; FRISII, I. *Lexicon trilingüe*. S/local: Theodosius Rihelius, 1587.

TOSCANELLA, O. *Dictionariolum latinum, ad puerorum commoditatem Italicè interpretatum*. Veneza: Vicentio Valgrisi 1564.

VALPY, F. E. J. *An etymological dictionary of the latin language*. Londres, A. J. Valpy, 1828.

WADD, W. *Cursory remarks on corpulence; or obesity considered as a disease with a critical examination of ancient and modern opinions relative to its causes and cure*. 3ª ed. Londres: J. Callow, 1816.

_____. *Comments on corpulency, lineaments of leanness, mems on diet and dietetics*. Londres: John Ebers & Co., 1829.

WIKTIONARY. Disponível em <http://en.wiktionary.org/>. Acesso em 02/01/2011.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG



Anais do VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte
Rio Grande – 13 a 15 de setembro de 2012

Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
www.cbce.org.br – contato@cbce.org.br

Disponível em:
<http://cbce.tempsite.ws/congressos/index.php/6csbce/sul2012/trackDirector/index/submissionsAccepted>

ISSN: 2179-8133